

Comissão recebe novo laudo sobre Marighella

Perícia será entregue amanhã, em Brasília; trabalho, feito pelo legista Nelson Massini, demonstra que líder comunista foi morto em emboscada, em 1969, e contraria versão oficial de que morte ocorreu durante tiroteio

ADRIANA FERREIRA

RIO — A viúva de Carlos Marighella, ex-dirigente comunista, líder da Ação Libertadora Nacional (ALN), morto em novembro de 1969 quando estava na clandestinidade, considera que o laudo preparado pelo perito Nelson Massini pode pôr fim a uma luta de quase 30 anos. O estudo de Massini, revelado no sábado pelo *Jornal da Tarde*, demonstra que Marighella foi morto à queima-roupa durante uma emboscada armada por agentes do Departamento de Ordem Política e Social (Dops) e não durante tiroteio com os policiais, segundo a versão oficial divulgada pelo chefe da operação, o delegado Sérgio Paranhos Fleury. Desde então, Clara Charf vem tentando provar que seu companheiro não reagiu à aproximação dos agentes do Dops e foi executado.

Entre os muitos documentos no dossiê sobre a morte de Carlos Marighella, há um exame de perícia pedido pelo Instituto de Polícia Técnica, da Secretaria de Segurança Pública, que comprova que Marighella não disparou o seu revólver calibre 32. Companheira de Marighella por 21 anos, Clara Charf, de 70 anos, acredita que esse é também um dado fundamental para a comprovação da tese de assassinato. "Ele não atirou, por isso dissemos que foi executado."

A perícia foi solicitada pelo dele-

EXAME DE
PERÍCIA
MOSTRA QUE
EX-LÍDER DA
ALN NÃO
DISPAROU O
SEU REVÓLVER

gado Edsel Magnotti, da Polícia Especializada, e data de 26 de novembro de 1969, dias depois da morte de Marighella, em 4 de novembro. No exame de balística ficou comprovado que as balas não foram utilizadas. "Encontramos esse documento nos arquivos da polícia mas, claro, ele nunca foi divulgado", diz Clara.

O dossiê sobre a morte de Marighella foi entregue à Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos, do Ministério da Justiça, no dia 23. Amanhã, o laudo de Massini será anexado ao dossiê. No trabalho, o legista afirma que o líder da ALN foi morto com um tiro no peito "a curtíssima distância".

O dossiê de Marighella levou mais de seis meses para ser montado e tem cerca de 300 páginas. Mas há anos a família vem reunindo provas sobre o assassinato do líder da ALN. "Desde a Lei da Anistia, quando começou a se falar sobre os movimentos de oposição ao regime militar, a família vem lutando para resgatar a ima-

gem de Marighella", conta Clara. "Com a abertura dos arquivos, continuamos a pesquisa", diz. "Foi um trabalho de perseverança."

Segundo Clara, a família entregou à Miguel Reale, presidente da Comissão, uma carta onde solicita que o nome de Marighella seja inserido na lista de mortos pela ditadura militar e que seja reconhecida a verdadeira versão sobre a sua morte. "Nós queremos resgatar na história do Brasil,



Reprodução

Foto de Marighella, parte do laudo necropsial oficial: tiro no peito

a verdadeira história dos que lutaram contra a ditadura", afirma Clara.

A viúva de Marighella, porém, diz que a família não está interessada em ter uma indenização pela morte. "Esse não é ponto de nossa luta", observa. Ela não sabe, porém, quando o dossiê será avaliado. Mas considera inevitável um reconhecimento dos

fatos. "O trabalho foi o mais completo que conseguimos fazer e tem muitos elementos que comprovam a execução", comenta. Para o reconhecimento do assassinato pelo Estado, contudo, ela acha que a palavra principal deve ser isenção. "A comissão deve, por meio de seus sete membros, fazer uma análise sem preconceitos e sem pré-julgamento."